O DEMOCRATA

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto Agência Havas

ANO 30.º — N.º 1809
Sábado, 6 de Novembro de 1943
VISADO PELA CENSURA

Temos já um Exército

Uma nota oficiosa da Presidência do Conselho em princípios do passado mês de Setembro, anunciou, para breve, a realização de manobras e exercícios militares para instrução dos quadros de adestramento de tropas.

De facto, assim sucedeu: a concentração das tropas realizou-se a partir do dia 9 do passado mês de Outubro, nos pontos prèviamente previstos, e no dia 15 do mesmo mês começaram os exercícios para adestramento na utilização do novo material de guerra.

E' de reconhecer que o apetrechamento actual da fôrça armada é uma das grandes realidades do Estado Novo. Através dos exercícios e da parada militar que coroou as manobras, presenciada pelos chefes do Estado e do Govêrno, o Ministro da Marinha e Subsecretário da Guerra e altas patentes das fôrças de terra, mar e ar, o país viu como o Govêrno corresponde ao seu patriotismo e à sua unidade, dotando-o com um exército digno do que valemos, para orgulho e confiança da nação.

No Outono do ano de 1937, Salazar visitava as fôrças em manobras na região de Estremoz e ao receber as saüdações dos oficiais, proferiu um breve discurso em que disse esta expressiva frase—*teremos um Exército!*

A parada da conclusão dos grandes exercícios militares dêste ano recordou aquela frase de Salazar, ou antes, recordou canseiras ardorosas, mil sacrifícios ignorados que deram à nação esta admirável certeza—*temos um Exército!*

Conseguiu-se, a-pesar-de todos os embaraços com origem no momento internacional, dotar a fôrça armada com armamento aperfeiçoadíssimo, tornando-a uma realidade viva e forte da própria nação.

E' interessante e expressivo de perfeição, êste importante pormenor das manobras: a travessia do rio Tejo fez-se em metade do tempo que estava previsto! Trabalhou-se intensamente de dia e de noite e as fôrças de Sapadores de Caminho de Ferro não se deitaram durante duas noites para que êste pormenor das manobras fôsse executado com prontidão e perfeição exemplares. Por êste exemplo e pelo grandioso conjunto que se presenciou na parada militar do planalto de Pegões, pode afoitamente dizer-se que a promessa de Salazar está cumprida—que *temos um Exército!*

P. S.

O culto dos mortos

As igrejas e os cemitérios tiveram, no dia 2, larga concorrência, apresentando êstes as sepulturas enfeitadas, floridas, como se de festa se tratasse. Mas não; não houve nêles qualquer festa. Houve, sim, uma grandiosa reünião motivada pela lembrança e pela saüdade dos que já não pertencem a êste mundo e que essas flores, depostas por mãos piedosas de parentes ou amigos, traduziam, não sendo, porém, mais do que uma manifestação de sentimento.

Quando, ao cair da noite, o sossêgo e a paz voltaram a pairar sôbre as cruzes que se erguem dos covais, tudo estava terminado, visto das lágrimas que os orvalhou nada se poder esperar, como desejariam muitos dos que as verteram doloridamente.

Notas de conto

Anuncia-se uma nova emissão de notas de mil escudos, tendo, entre outros ornatos, a efígie de D. Afonso Henriques e um grupo alegórico de dois cavaleiros.

E trocá-las, depois?...

O TEMPO

Como sucedeu a tudo, o chamado *verão de S. Martinho* também se antecipou êste ano e graças a êle temos tido deliciosos dias de sol, amenos, agradáveis — uns verdadeiros amores!...

Felizes os que, possuindo *azas* para os gozar, não olham para trás e as aproveitam, voando por êsses campos fora, inundados de luz, à procura de novas sensações, de caprichosas aventuras...

A vida ao ar livre é tão apreciável!...

Actividade camarária

A nossa edilidade mandou colocar debaixo da antiga arcada três lampeões, também antigos, mas de luz moderna, visto aproveitarem a das lâmpadas eléctricas que já ali existiam.

Parece que o mesmo corpo administrativo pensa ainda na modificação de alguns pilares, o que seria excelente se assim acontecesse.

Cartas a uma amiga de longe

Novembro, 1943

Minha querida:

Que queres que te diga da guerra? Porventura pensarás que se sabe mais aqui do que na tua longínqua solidão? Que engano o teu! Dêsse conflito monstro que se desenrola por todo o mundo, não te sei dizer nada e o que consta é geralmente fruto de alguns fantasistas, que querem mostrar que andam muito no segrêdo dos deuses. O melhor, por isso, é não acreditarmos em ninguem, se não naquilo que é já realidade; ora sendo assim, tu sabes tanto como eu.

Quem dera mas é que esta época calamitosa que vivemos acabasse quanto antes...

David Davidson, que leu a sina da humanidade na face da pirâmide de Chéops, no Egipto, dizia que esta tormentosa era duraria ainda dez anos, mas que em 1953 outra despontaria — era de felicidade e de renascimento espiritual, de amplo sentido de justiça e da maior prosperidade económica. Mas sòmente em 1953—vê lá tu!...

Mesmo que a sina lida por Davidson na face austera da pirâmide de Chéops se realizasse, quanto ainda a pobre humanidade teria de sofrer nêstes dez anos!...

A' medida que o tempo corre e o engenho do homem mais aperfeiçoa a arte de matar, mais digna de admiração é também a resistência do material humano. Estamos no quinto ano de guerra e ainda se não viram desfalecimentos nem a luta abrandou; pelo contrário até... Temos assistido a hecatombes medonhas e que transportariam ao paroxismo da dôr, se os ânimos não estivessem tão exaltados e habituados até a estas crueldades de todos os dias. Na Rússia combatem já batalhões de mulheres! Será que a sensibilidade feminina embutou e que nós também nos habituemos a matar? Nos tempos de Luiz XV a marquesa de Nesle e a condessa de Polignac bateram-se em duelo por rivalidades de amor. E êssa atitude das duas titulares estava tão fora da têmpera acomodatícia das filhas de Eva, que ainda há pouco tempo era lembrada e reprovada, até. Agora, porém, e infelizmente, temos de a achar natural, já que a mulher tomou lugar no campo de batalha tal qual como o exaltado sexo forte. E' como te digo, minha amiga, nada já nos deverá espantar, tantas coisas horríveis temos visto de há uns anos para cá... Que tempos de pesadêlo, minha velha!... Era tão bom que voltassem breve, êsses dias luminosos, que desanuviavam o espírito e nos despertavam no coração a alegria de viver e o desejo de amar o próximo!...

Um abraço da

Zèmi

"Amor de Perdição,,

Começa hoje à noite a exibir-se no *écran* do Teatro Aveirense o filme português extraído do romance de Camilo, que tem o título da epígrafe e deve repetir-se até terça-feira, estando a lotação da casa já tôda esgotada.

É o grande sucesso da actualidade, segundo a crítica.

Não receies ser dador

Caso estranho

Noticiaram vários jornais que em diferentes pontos do país apareceram, durante o mês de Outubro, algumas árvores de fruto cobertas de flores, como é de uso vêr-se na Primavera!

Realmente, o caso tem algo que se lhe diga. Todavia, a palavra fenómeno, às vezes, explica as coisas mais inverosímeis.

A LIVRE VENDA DOS VINHOS

—o—

Desde o dia 1 que são permitidas a compra e venda e o trânsito de vinhos comuns ou de pasto, por grosso ou a retalho, simples ou misturados, com tanto que obedeçam a determinadas graduações.

O que faz a abundância—a fartura!

DONATIVO

A Junta de Freguesia da Vera-Cruz beneficiou ùltimamente a «Gota de Leite» com a quantia de 500$00.

Não está certo

O mundo foi lançado numa crise de incertezas que se estende a tudo e a todos. Perdeu-se a confiança nas pessoas e nas coisas. Há, porém, e ainda, excepções. Há ainda povos que confiam um no outro. Mas a crise da incerteza, perante o presente e o futuro, devora todos os homens. As qualidades de previsão e economia parecem ceder o passo à ânsia do prazer e do vício. Há uma febre do gôzo, uma febre animal de possuir e desfolhar tôdas as rosas antes que elas murchem. Até as reservas de dinheiro que sempre foram características dos povos criados na sabedoria latina se vão esvasiando, mesmo quando algum dia foram coalhadas. Há a febre do luxo e dos gastos insolentes e insultantes para os pobres das ruas e para os pobres honrados e envergonhados que passam mal e vêem os que lhe são mais queridos passarem privações do mais indispensável para a saúde, para o crescimento, para resistir à usura dos trabalhos pesados e mal remunerados. Gastam, porém, outros à tripa forra. E' uma fartura de gôzo, de gastos, de insultos da opulência à pobreza que estende, ou não estende, a mão. E' demais. E tudo quanto passa das marcas causa reparos. Que se gaste numa diversão ou outra que é, aliás, necessária e que, portanto, não representa um desperdício, ainda se admite. Mas ir além disso, hão-de concordar, não está certo.

Nem tanto ao mar, nem tanto à terra...

Crónica alfacinha

O TEMPO E A VIDA

Lisboa amanheceu triste, envolta em véu cinzento e banhada de lágrimas. Durante a manhã, não há um raio de sol que a aqueça e possa alegrá-la.

Da minha janela vejo correr os transeuntes de chapeu de chuva aberto, ou cobertos de impermeáveis, que não podem faltar aos seus deveres de empregados.

Os carros tomam-se de assalto e sob os toldos das lojas acumula-se o povo. Pouca gente ri; olham-se como que enfadados, suportando um pesadêlo.

Pouco a pouco começa a aclarear e deixa de chover. O movimento nas ruas aumenta, fecham-se as umbelas e os rostos já aparentam maior satisfação.

Finalmente o sol, rei divino e poderoso, que tudo anima, aparece lá no alto, assemelha-se a uma bola de ouro não tão rutilante que não se possa fitar. As nuvens afastam-se respeitosas, e de escuras que eram vão-se transformando em brancas.

Lisboa já sorri. Está quási sêca das lágrimas choradas e como mulher caprichosa, continua a sua rotina diária de passeios, de chás, de *matinées*.

Chega a noite. O ceu, agora azul, vai escurecendo devarinho para melhor poder mostrar as suas jóias. De facto, o firmamento está lindo, cheínho de estrêlas rutilantes; até o vento se envergonha de vir perturbar esta calma.

Outras vezes dá-se o contrário. Nasce a manhã, alegre, inundada de sol e a cantar; dentro em pouco aparecem frangalhos escuros a manchar a côr clara do céu e dentro de horas cái a chuva em bátegas grossas, frias, impertinentes.

Tal como a nossa vida.

Quantas vezes o seu princípio é lindo, risonho, feliz. Nem uma ligeira nuvem a toldar o céu dessa felicidade.

Mas, os anos correm, a desventura vem ao nosso encontro, a inteligência desenvolve-se e melhor compreende a maldade humana, começa-se, enfim, a estudar o livro negro da vida e... lá vêm as desilusões, as dores, as amarguras. Outras vezes passa-se uma mocidade dolorosa, colhem-se tôdas as côres da desventura, sofrem-se fomes, frios, misérias e, quando menos se espera, bate-nos à porta a felicidade!

Em qualquer dos casos é necessário ter esperança em melhores dias e coragem para levar ao calvário a cruz da vida.

MARIA DA CONCEIÇÃO NOBRE

Cais a mais

A cidade anda infestada deles pelo que se pedem providências a quem tem por obrigação afastar o perigo que isso representa.

Seremos atendidos?

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Exposição de quadros

—o—

Numa publicação que temos presente, diz-se:

As numerosas teorias e tendências, os *expressionismo, cubismo, futurismo, dadaismo, verismo*, etc., etc., parece que têm só uma coisa em comum: dar que falar e chamar para si, custe o que custar, a atenção do público. Conseguem-no, por um lado, pelo cinismo mais baixo.

—Como é que o artista tem êxito?—pregunta um dêles. E responde:

—Pela intrujice.

E há outro que diz:

—Nós fingimos ser pintores, poetas ou qualquer coisa dêste género. No fundo, nada mais somos do que uns atrevidos, e temos mesmo prazer em sê-lo.

E' êste cinismo que sujeita a arte às tendências mais depravadas, e chama-se então *activismo cinico* e *correccional*. A êle devem-se produtos do género dum Cristo da autoria de Schmitt-Rotluff, obra que não passa duma caricatura grosseira, mas em que os criticos contemporâneos pretendiam ver a acondensação heróica de energias brutais e compactas».

Vem isto a propósito—está o leitor a adivinhar—do que se observa na exposição dos trabalhos do sr. Passos Maurício, patenteada ao público, desde domingo, numa das salas do *Club dos Galitos*. Não nos competia a nós, que não temos conhecimentos da sua arte, expressar-nos sôbre ela. Porém, em presença do que vimos e ouvimos, deliberámos poupar o nosso colaborador, especializado nêstes assuntos, à crítica que a exposição lhe sugerisse, não o massando.

Perdoe-nos a franqueza, sr. Passos Maurício—a rude franqueza—mas a impressão que recebemos dos seus quadros, três dos quais representando trechos de Aveiro, ficou muito áquem da nossa espectativa. E de aí limitarmo-nos simplesmente a noticiar a sua passagem por esta cidade, sem mais preâmbulos.

Andorinhas

Nem tôdas, êste ano, emigraram da nossa terra ao aproximar-se o Outono (porque ainda ontem, de manhã, vimos um bando delas a chilrearem como na Primavera!

O que determinaria a resolução tomada pelas simpáticas avesinhas?

Um negócio frustrado

— o —

Em Anadia acaba de ser descoberto um negócio de notas falsas, tendo sido presos na Pensão Jardim o burlão António Neves Barata, de Vilarinho (Louzã) e os que estavam para ser burlados, aprendendo a fabrica-las: José da Rocha Melo e Joaquim Maria Anastácio, ambos da Gafanha, que já tinham entregado ao *professor* nada menos de 26 contos!

Claro: todos os três malharam com os ossos na cadeia, aonde aguardarão, agora, que a justiça se pronuncie sôbre o que tencionavam fazer ao dinheiro que tanto ambicionavam

O Reclamo e a Propaganda

Abro um jornal — o mesmo, tôdas as manhãs — para me informar do que vai pelo mundo e salta-me aos olhos uma página inteira de reclamos de teatros e de cinema!

Como nas horas vagas do meu ofício eu me dei a fazer autos e comédias, sei muito bem quanto aquilo é necessário para o sucesso industrial de qualquer empreendimento teatral. Uma obra prima, uma maravilha de engenho, de graça ou de emoção, se eu fôsse capaz de a escrever, sem o *rèclamo* dum grande jornal, caía no meio da indiferença pública. E não são só os espectáculos públicos — é tudo que precisa do rèclamo para viver. O rèclamo nivela a mediocridade e o génio. Para que o público se dê conta duma peça minha ou dum drama de Eleseu é preciso, antes de mais nada, saber aonde qualquer das suas peças se representa.

A publicidade é um elemento essencial da civilização contemporânea. Precisam dela os autores, os escritores, os guerreiros, os países e as criadas de servir. Necessitam dela os que oferecem o seu trabalho simplesmente manual e os que chamam a atenção para a mais elevada técnica científica—montar fábricas, curar doenças, ensinar línguas ou tratar questões. As coisas mais complexas e elevadas, até às mais simples e mesquinhas não podem viver sem a publicidade. Há em todos os jornais a notícia dos «serviços religiosos» dos diversos credos confessionais. E' necessário que o público saiba aonde se reza e aonde se faz calçado mais resistente e mais barato. A vida contemporânea tem de decorrer sob o projector da publicidade.

Os sabões, os tónicos capilares, os perfumes e os livros de versos, também necessitam da propaganda do jornal, da «rádio» ou do cartaz E nem se diga que essa propaganda é só no interêsse do produto reclamado porque é evidente que ela se faz no interêsse do consumidor. Sem ela eu desconheceria a existência do sabão e o estro do poeta e não comprava nem o sabão para me lavar, nem o poema para me encantar.

E assim ficaria privado do bem estar físico que dá uma pele bem escarolada e uma alta emoção lírica.

Podem objectar-me que muita vez a propaganda induz em êrro; que é mal feita, que os cartazes dos teatros me proclamam grandes êxitos, levando-me a assistir a grandes borracheiras; que é abusar da minha boa fé inculcando-me um preparado para a caspa que, afinal, não me tira a caspa e me faz cair o cabelo; que, muitas vezes — as mais das vezes mesmo—a eficiência, utilidade, valor ou beleza do produto não correspondem à realidade. E a isto eu responderei que, mesmo assim, o reclamo é útil—porque obriga o público a ser cauteloso e prudente, a procurar informações complementares, não tolhendo assim a crítica individual e desenvolvendo as faculdades de observação e de análise. O reclamo dá o impulso inicial, desperta a atenção—mas não proíbe a ninguém que faça a sua opinião por si próprio.

Com um pouco de má vontade podem ainda dizer-me que às vezes é tarde e custa caro a formação do critério individual. Não acho que o argumento colha. Em primeiro lugar porque o mundo não se fez para os inteiramente estúpidos e ainda porque é preferível uma desilusão, à inércia, à falta de curiosidade compensada ou desiludida, à preguiça mental, à *ataraxia*, em suma. Só entre os mortos—que não têm nada que fazer, ao que parece—é que pode ser dispensável a propaganda e o reclamo.

E nem disto estou bem certo porque me contaram uma história que me impressionou e que passo a narrar.

Morreu um sujeito cujo nome me não disseram. Depois de morto, como é óbvio, a sua alma procurou o seu destino e, como é natural também, dada a natureza ambiciosa da alma humana, o sujeito foi bater à porta do Céu. Veio de lá o celeste porteiro e preguntou ao falecido, nome, morada, filiação e naturalidade, que êle declinou. Enquanto o santo por-

Secção feminina

DIRIGIDA POR **MARIA DA CONCEIÇÃO NOBRE**

Bordados

Quer queiramos quer não, é infalível que temos de acompanhar o movimento do seculo.

Ora, antigamente, bem podiam as nossas avós, ou encerradas nos solares, como flôres de estufa, ou lidando a vida da casa de campo, fazer pachorrentamente os seus enxovais, que levavam anos, porque o preconceito as obrigava a quedarem-se no lar. Ali teciam e bordavam os complicados pontos de cruz duplo, abertos e brancos, as preciosas rendas de malheiro e de Peniche, os matizes aristocráticos, etc., etc.

Debruçadas sôbre os bastidores quadrados, horas consecutivas de tardes calmas, as mais ricas, ou por longos serões as menos bafejadas da sorte, arranjavam, com infinita ternura, as variadas peças dos bragais.

A vida era outra. Os trovadores não voltaram a alegrar as damas pálidas nas côrtes e passou o tempo do romantismo. Estamos no agitado seculo XX onde a mulher fidalga ou plebeia, foi obrigada a sair à rua sòzinha, a conversar com tôda a gente, a discutir os problemas principais da vida. Estamos na época das pressas. Homens e mulheres dão-se as mãos no labor diário. Não há vagar para bordar largos enxovais; por isso êles se simplificaram primeiro, as peças do vestuário. Há 16 anos deixou de se usar camisa, e creio que nenhuma rapariga moderna se lembra dela. Fugiram os coletes de atacar com cordões, que eram um verdadeiro horror; esqueceram-se os espartilhos insuportáveis, as saias brancas, etc., etc.

Há 10 anos veio-nos da América a moda genial da *parure* de duas peças, cueca e combinação-*soutien*.

Qualquer destas peças, em sêda tão fina que cabem 30 ou 40 numa pequenina mala de viagem de senhora. Em compensação o seu preço aumentou, e para que o frio nos não apoquente, vieram novos modêlos de casacos de peles.

Os homens bem olham de testa franzida para êste progresso económico, mas as mulheres sorriem e dizem:

—Como poupamos em tecidos para roupas interiores agora! E com um simples casaco dêstes, está combatido o inverno!

Pois, minhas amigas: os nossos bordados também são mais económicos e rápidos. Já não falo dêsses disparatados desenhos, sem pés nem cabeça, que por aí se vêem, mas ainda temos coisinhas interessantes para entretermos os minutos de descanço. (Descança-se a trabalhar...)

Os pespontos, certos em linha grossa e o ponto de pé de flôr ou de cadeia, prestam-se a interessantes bordados para roupas brancas, desde que se empreguem linhas geométricas em desenhos artísticos. Quadrados entrelinhados, lozangos, paralelos, triângulos, etc.

Os *ajours* feitos com linha doutro tom, são bastante modernos e decorativos. As flôres com as pétalas a cheio, os nozinhos e os cordões, completam êstes elementares bordados interiores.

Para as blusas, robes e vestidos leves há os bordados de moldávia que são uns motivos a cheio com contornos a preto ou castanho, os *ajours* turcos, o crivo e os pontos de fantasia.

Para os adornos de casa há o *filet*, o *rechelieu*, a renda inglesa ou a traplogia.

Todos os pontos para bordados, desenhos, moldes de roupas, amostras de rendas, etc., podem ser pedidos para: Largo de D. João da Câmara, 4-4.º, Lisboa, pagando as leitoras apenas o correio e o material que requisitarem.

---

teiro procurava no livro de registo, a alma contemplava pela porta entreaberta, a calma inefável do Paraíso e, habituada aos ruídos e tumultos da terra, não achava muito do seu gôsto aquela serenidade a que não estava afeito.

—Nada, não encontro o seu nome—disse-lhe depois de demorada pesquisa o alto funcionario celestial. O seu lugar não é cá; procure lá em baixo, no Purgatório.

E fechou-lhe a porta na cara.

Bateu o homem à porta do Purgatório e repetiu-se a cêna. O seu nome não constava dos registos, mas como já sucedera no Céu, pelo portão entreaberto daquele estabelecimento corr cional, a alma viu uma paisagem desoladoramente triste, aspectos de misérias e de sugidade que a fizeram pensar que, sendo assim no Purgatório, o que seria no Inferno. Mas, como não havia mais remédio, a alma do defunto, aterrada, lá foi bater à porta terrível onde viu escrita a célebre inscrição Dantesca — *Deixai tôda a esperança, ó vós que entrais!* Bateu à porta e apareceu-lhe um sujeito de casaca, sorridente, aliciante, amabilíssimo que o convidou a sentar-se, emquanto procurava nos registos o nome do recem-chegado. E durante êsse tempo, pela porta escancarada, como já sucedera nos locais anteriores, a alma viu e pasmou! E o caso não era para menos. Porque, ao contrário do que esperava, o que ela via para lá dos penetrais do Inferno, era uma cidade lindíssima, animada, alegre, frenente de vida e de alegria, com automóveis de luxo rolando, grandes e formosos palácios, lindas e elegantíssimas mulheres! E a alma pensava:

—E estava eu com medo! Mas isto sim, que é uma coisa maravilhosa! Aqui é que me convém passar a Eternidade tôda!

Nisto o porteiro tinha terminado a busca nos registos e anunciava ao defunto, muito amável:

—Efectivamente V. Ex.ª está cá assente... E' nosso!

A alma não se conteve e exclamou:

—Ainda bem! Porque isto é lindíssimo, isto é ótimo!... Vive-se aqui por gôsto!

O amável diabo sorriu cinicamente e respondeu aos entusiasmos do outro:

—Dê-se V. Ex.ª ao trabalho de entrar por aquela portinha.

E indicava-lhe uma pequena porta. Depois, maliciosamente, elucidou:

—Desejo, porém, informá-lo de que o que V. Ex.ª está vendo é apenas reclamo e propaganda...

Se isto é verdadeiro, o próprio Inferno não desdenha a fôrça da publicidade.

RAMADA CURTO

Êste artigo transcrevemo-lo do *Jornal de Notícias*, do Pôrto, onde o distinto advogado, que o subscreve, colabora com especial relêvo, como se vê.

Além túmulo

Dr. António José d'Almeida

A campa onde repousa, no cemitério do Alto de S. João, em Lisboa, o ardoroso republicano, ficou no domingo juncada de flôres por motivo do 14.º aniversário do seu falecimento.

Na romagem, que, como de costume, se efectuou naquele dia, tomaram parte a Direcção e muitos sócios do Centro Escolar que tem o seu nome, além de outros amigos e correligionários do eloqüente tribuno e antigo Chefe do Estado, aos quais a sua viva manifestação reconhecimento pela homenagem prestada à memória de quem tanto se sacrificou pela República.

* * *

Também esta semana passaram os aniversários das mortes de José Relvas, Fernão Botto Machado, França Borges e Luís Derouet, que igualmente se evidenciaram dentro das fileiras republicanas.

O Democrata recorda-os saüdosamente.

Notas Mundanas

Aniversários

Fez anos, no domingo, o menino Arlindo Rosário Arial de Sousa, filho do sr. Narsélio Fernando de Sousa, comerciante em S. Gregório (Melgaço); hoje, fazem, as esposas dos srs. António N. F. Ramos, proprietário do Ultimo Figurino, e Manuel da Silva, industrial em Lisboa; e os srs. Carlos Tavares Lebre e João Ramos, da Fotografia Moderna; àmanhã, a interessante Guidinha, filha do sr. tenente José Salvato Bizarro Saraiva; no dia 8, o sr. dr. Vieira Rezende, médico especializado em doenças pulmonares, e a académica Judith da Apresentação Rodrigues da Graça, filha do sr. José Gonçalves da Graça; em 9, a sr.ª D. Arlete do Ceu Dias Morais, gentil filha do sr. capitão António Rodrigues Morais; os srs. Ernesto Vieira, comerciante da nossa praça, e Carlos da Naia Sarrazola, escrivão de Direito em S. Tomé (Africa Ocidental) e a interessante Clementina Lopes Mortágua, filha do sr. José F. da Costa Mortágua, empregado nos escritórios da Vacuum Oil Company; em 10, o nosso amigo dr. Humberto Leitão, hábil clínico local; em 11, as sr.ªs D. Maria José da Silva Dias Figueiredo, esposa do sr. Jaime Figueiredo; D. Maria Ermelinda de Melo Picado Osório, esposa do sr. dr. Augusto de Mendonça Sá Osório, chefe da Secretaria Judicial de Anadia, e D. Maria do Nascimento Soares Afonso, residente em Coimbra e mãe ao sr. Armando S. da Silva Afonso, escriturário da Direcção de Estradas da Guarda; e em 12, a sr.ª D. Fernanda Romão, simpática filha do escultor Romão Júnior, mestre de modelação da Escola Fernando Caldeira.

Casamentos

Na Sé Catedral realizou-se, domingo, o consórcio da sr.ª D. Maria Testa Laranjeira, do próximo lugar das Ribas e regente do Pôsto de Ensino de Vila Maior, concelho da Feira, com o sr. Américo de Almeida e Silva, comerciante na mesma localidade.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, sua tia a sr.ª D. Maria Auzenda Pinto Rodrigues e o sr. Amadeu Amador, e pelo noivo seus pais.

Após a cerimónia foi servido em casa do tio da noiva, sr. João Rodrigues Testa, um fino copo de água, durante o qual alguns convidados brindaram pelas felicidades do novo lar.

—No Pôrto efectuou-se no mesmo dia o enlace da sr.ª D. Aida de Melo Brito, prendada filha da sr.ª D. Maria Lucia de Melo Brito e de seu marido o sr. António Constantino de Brito, farmacêutico em Valadares, com o sr. Abel Correia de Andrade Nunes, filho dos abastados proprietários sr. Duarte Pereira Nunes e de sua esposa a sr.ª D. Ana Cândida Correia Nunes.

O acto, que revestiu carácter intimo, decorreu num ambiente de alegria, tendo paraninfado por parte da noiva, que é diplomada em Farmácia e neta do nosso saudoso amigo Alfredo César de Brito, há anos falecido, e do sr. Francisco Correia de Sá e Melo, de Alquerubim, seu pai e a sr.ª D. Zulmira de Oliveira Melo e pelo noivo, seus pais.

Aos nubentes, dotados de apreciáveis dotes de coração e espírito e que, depois da cerimónia partiram, em viagem de núpcias, para a capital, desejamos um futuro venturoso.

Na corbeille da noiva viam-se lindas e valiosas prendas, sendo algumas da maior utilidade.

Partidas e Chegadas

Estiveram nesta cidade a sr.ª D. Maria da Luz M. Lima Pinto e marido o sr. Artur José Pinto, residentes no Pôrto; Manuel Seabra, de Anadia; dr. Manuel Joaquim Pires e filha, de Vilarinho do Bairro; João Faria e Silva, chefe da Secção de Finanças de Matosinhos; Alberto Carlos Mendonça e Silva, furriel miliciano em Lisboa; Jaime Martins Lima, funcionário de Finanças em S. Pedro do Sul e esposa; Francisco Valério Mostardinha, de Nariz; João Simões de Pinho, de Cacia, e Manuel Dias dos Santos, de Requeixo.

Doentes

Em Coimbra, onde está sendo tratada por um especialista, encontra-se enferma a sr.ª D. Lígia Cruz, estremosa filha do sr. António Simões Cruz, um dos gerentes dos Armazens de Aveiro, L.da.

Estimamos o seu restabelecimento.

Domingos Carvalho

Mais uma vida extinta, perdida, aniquilada. Mais um amigo que desaparece, que nunca mais voltaremos a ver.

Foi da Costa do Valado, onde residia, que nos veio, na terça feira, a notícia. Sabiamos da gravidade da sua doença e por isso não nos surpreendeu o desenlace. Estava previsto. Estava condenado e cumpriu a sentença. Ninguém escapa ao pagamento dessa dívida.

Mas se dissermos que lamentamos profundamente a morte de Domingos Carvalho, não exageramos. Porque se trata dum velho e leal amigo, dum bom cidadão, dum excelente companheiro. Professor de ensino primário, já afastado dos trabalhos escolares devido aos seus achaques, exerceu o magistério em Couto Esteves, Mamodeiro e Gafanha da Cale da Vila enquanto lho permitiram as fôrças. Depois aposentou-se, passando a viver para a família, por sinal bastante numerosa e a quem dedicava a maior das afeições.

Privámos com êle muitos anos e com êle nos divertimos algumas vezes, apreciando-lhe as qualidades de que era possuidor, como a *verve*, o espírito, a graça que o tornavam simpático e deveras estimado.

Domingos Carvalho deixou o mundo aos 67 anos. Natural de Ilhavo, lá se consorciou com a sr.ª D. Maria da Conceição de Oliveira Carvalho, deixando do matrimónio os seguintes filhos, todos casados, menos um: Lucília, Helena, Armando, Maria, Isaura, Iráci e José de Oliveira Carvalho. Era sogro dos srs. Manuel Barralho e Amândio Nunes de Matos, comerciantes no Congo Belga; Abílio Figueira Maio, José Bouça e Mário de Matos.

O entêrro constituiu uma grandiosa manifestação de pesar e saüdade, tendo-se organizado, durante o longo percurso até à Oliveirinha, os turnos que passamos a enumerar:

1.º

Albano Nunes Génio, Prof. Adelino Vidal, Ernesto Ferreira Maia e Manuel Nunes de Matos.

2.º

M. Alves Ribeiro (representante do *Democrata* e do seu director), Agostinho Rafeiro da Maia, Abílio Cruz e Orlando Dias.

3.º

Jaime Simões das Neves, João Peralta Estrêla, José Carvalho Seabra e Francisco Cardial.

4.º

Ernesto Simões Maia, Rafael Simões, Joaquim Fernandes a João Figueira Maio.

Da igreja até ao cemitério foi a urna conduzida, à mão, pelos sobrinhos do extinto: José Filipe de Carvalho, Horácio Carvalho do Bem, Leopoldo Sacramento e José Paulo do Bem. Sôbre ela foram depostas três corôas, sendo duas da família e a outra do sr. Aníbal Portugal, de Mamodeiro, levando a chave o sr. Mário de Matos.

Tinha-se fechado a noite quando o cadáver de Domingos Carvalho desceu à terra no meio da tristeza dos que o foram acompanhar. Nós faltámos por afazeres inadiáveis. Mas nem por isso deixamos de, junto da família, sentir o desgôsto que a alanceia, dêle compartilhando.

Dar sangue é dar vida

A' MARGEM DA GUERRA

AS FÔRÇAS ANGLO-AMERICANAS AVANÇANDO EM TERRITÓRIO INIMIGO

Considerandos oportunos

por Jorge Vernex

«...uma luta violenta está desenhada ou mais concretamente travada já entre as fôrças da ordem e as da desordem, entre a nação e o internacionalismo, entre o comunismo e a civilização».

SALAZAR—15-4-1937

De Malthus a von Liebig

Em tempos anormais, como o presente, mais do que nunca se reconhece a supremacia da agricultura na vida dos povos. Assim, também em tempos de guerra, os govêrnos empregam o melhor das suas energias a desenvolvê-la e o «produzir e poupar» é uma dessas manifestações sintomáticas. Para que a terra, cansando, não deixe de produzir, a química veio em seu auxílio. As realizações práticas de maior envergadura, surgiram na Europa, durante a outra guerra, quando os alemães, a fim de substituirem o nitrato do Chile, começaram a extrair o azoto da atmosfera. Mas não é só nêste campo que a química ajuda a produção. «A Química propícia, em muitos casos, a extensão e a utilização de invenções feitas noutras províncias da Ciência e da Técnica. Por exemplo: a indústria eléctrica não teria alcançado a importância que tem hoje, se a Química não houvesse fornecido o material de isolamento e de montagens, assim como o necessário para o fabrico de lâmpadas de iluminação e aparelhos de rádio». O mesmo pode dizer-se da indústria aeronáutica e automóvel. A sêda artificial e a lã sintética são produtos da química. Mas vamos à agricultura. «Sem a indústria de adubos tudesca de forma alguma a produção da terra europeia poderia garantir a alimentação do povo». A «Química Agrícola» é uma obra que se deve a Justus von Liebig que a ensinou há cem anos. A agricultura teutónica deve-lhe os seus grandes progressos científicos. Desde então, «a produção de trigo quadruplicou e a de carne, gordura e leite é nove vezes maior».

Enquanto o inglês Robert Malthus queria resolver o problema da alimentação com a limitação artificial de nascimentos, o teutónico von Liebig resolveu-o pelo aumento da produção do solo, auxiliando-o por meio de fertilizantes químicos. Os tempos vieram dar razão ao último e condenar o primeiro por imoral e socialmente daninho. O malthusianismo foi a morte da França e a decadência de muitos outros países.

Benemerência

Tendo passado, segunda-feira, o primeiro aniversário da morte de sua esposa, recebemos dum anónimo a quantia de 60$00, que, conforme indicou, foi distribuida, em partes iguais, pelos seguintes necessitados: Ernestina Chichaia, R. das Salineiras; Luisa Chichaia, R. da Palmeira; Carolina Pádua, R. do Vento; Maria Arroja, R. 16 de Maio; Adelaide Vilaça, R. de S. Martinho; Maria Rosa Duarte, idem; Clara da Apresentação, idem; Jerónimo Carvalho, idem; Adelina Almeida, R. Eça de Queiroz; Elisa da Costa e Silva, idem; Ilda Ramos, R. Direita; Margarida de Matos, R. da Sé; Margarida Raposo, R. da Corredoura; Georgina Romão, R. de S. Roque; António Pinho das Neves, idem; Maria da Piedade, R. Almirante Reis; Maria dos Anjos, R. do Gravito; Luisa Peixinho, R. da Granja; Amélia Peixinho, idem; Conceição Tainha, idem; Rosa Carneiro, idem; Celestina Pires, R. do Rato; Aurea de Lemos, R. de Sá, e Maria José de Lemos, R. das Olarias.

* * *

Também o sr. Narsélio F. de Sousa, comerciante no Minho, nos enviou 20$00 com que contemplámos Pedro de Sousa, R. de Santo António; António Cunha, T. do Passeio; Angelina Galega, R. da Fonte Nova, e Manuel Ferreira, R. da Corredoura.

* * *

Igualmente veio à Redacção apresentar cumprimentos e entregar 20$00, que deram entrada no respectivo mealheiro para uma futura distribuição, o sr. Fernando de Albuquerque, chefe principal da estação do caminho de ferro de Santa Apolónia e que a esta cidade veio passar alguns dias.

Bem hajam todos os que se não esquecem dos desprotegidos da sorte.

Vestido de criança

Achou-se, segunda-feira, na Rua de S. Sebastião. Entrega-se nesta Redacção a quem provar pertencer lhe.

Atenção para a 4.ª página

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,27 (correio)	0,24 (correio)
6,20 (tram.)	11,15 (»)
6,54 (tram.)	15,41 (tram.)
11,10 (tram.)	19,34 (rápido) (1)
13,23 (rápido) (1)	21,52 (recov.)
17,24 (tram.)	Do Porto chegam tram. às 7,53 e 21,07 que não seguem.
20,40 (»)	

(1) Ás terças e sextas-feiras.

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
8,04	10,48
13,50	15,20 (1)
16,20 (1)	19,11
19,42 (2)	23

(1) A's terças, quintas e sábados.
(2) Só até à Sernada.

Emissões dos ESTADOS UNIDOS

em lingua portuguesa

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

Horas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas
7,45	WKTS	49.0	WRUL	38.4	WKLJ	39.7	WBOS	48.9
8,45	WKTS	49.0			WKLJ	39.7	WBOS	48.9
9,45					WKLJ	30.8	WBOS	25.3
12,45	WRUA	26.9	WRUS	19.8	WRUW	25.6	WGEO	19.6
13,45	WRUA	26.9	WRUS	19.8	WRUW	16.9	WRUL	19.5
17,45	WRUA	26.9	WRUS	19.8				
18,45	WRUA	26.9	WRUS	19.8	WGEA	25.3		
19,45	WRUA	26.9	WRUS	19.8	WGEO	31.5	WKLJ	30.8
20,45 às 21,15	WRUA	39.6	WRUS	31.3	(meia hora de programa especial)			
21,45	WRUA	39.6	WRUS	31.4	WKLJ	30.8		
22,45					WKLJ	30.8		
23,45					WKLJ	30.8		

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da B. B. C. das 19,45 às 20 horas na freqüência de 48,43 m. 41,96 m., 31,41 m. e 25,09 m.

(Emissões diárias)

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA

Alvaro de Pinho Moreira, L.da

Por escritura de 30 de Outubro findo, lavrada nas notas do notário desta cidade, Dr. Adelino Simão Leal, foi constituida uma sociedade por cotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º

Esta sociedade adopta a firma *Alvaro de Pinho Moreira, Limitada*, e tem a sua sede em Aveiro.

2.º

O seu objecto é o exercício de leilões, e qualquer outro que a sociedade, de futuro, resolva explorar. A sua duração é por tempo indeterminado, contando se o seu começo desde 1 de Novembro próximo futuro.

3.º

O capital social é de 25.000$, em dinheiro, já integralmente realizado, e assim subscrito: 10.000$00 pelo sócio Rosa Tavares, 5.000$00 pelo sócio Alvaro de Pinho Moreira, 5.000$00 pelo sócio António Joaquim da Cunha e 5.000$00 pelo sócio João Nunes Vidal.

4.º

Qualquer sócio, sempre que a sociedade tenha necessidade, pode fazer suprimentos à Caixa, mediante o juro que fôr determinado em Assembleia Geral.

5.º

Todos os sócios são gerentes, sem remuneração, nem caução. Porém, torna-se sempre necessário para obrigar a firma em juizo e fora dêle a assinatura de dois sócios em todos os documentos de responsabilidade, nomeadamente cheques; os documentos de mero expediente poderão ser assinados só por um dos sócios.

6.º

A cessão de cotas a estranhos é facultada a todos os sócios, mas só com prévio conhecimento da sociedade, o qual lhe será dado por carta registada com 15 dias de antecedência. A sociedade fica com a faculdade de adquirir, sôbre qualquer estranho, a cota que se pretenda ceder.

§ *único*—Fica desde já autorizado o sócio Rosa Tavares a dividir a sua cota em duas cotas de 5.000$00 cada uma e a ceder uma delas a Conceição Martins Soares, casada, doméstica, residente em São João de Loure.

7.º

Em caso de morte ou interdição de qualquer dos sócios, a cota respectiva será avaliada consoante o último balanço. Se houver mais que um herdeiro, só um dentre êles poderá representar a cota do sócio interdito ou falecido.

8.º

Nenhum sócio pode usar da firma para assuntos alheios aos fins a que se destina a sociedade ou venha a destinar, nem tão pouco em abonações, fianças ou outros semelhantes. O sócio ou sócios que o fizerem, responderão por perdas e danos para com a firma.

9.º

Em 31 de Dezembro de cada ano será dado um balanço, que deverá ser fechado até ao dia 30 de Março seguinte. Os lucros, se os houver, depois de retirados 5 °/₀ para o fundo de reserva legal e 10 °/₀ pelo menos, para amortização de maquinismos e ferramentas, serão divididos em relação ao valor das cotas de cada sócio. Os prejuizos serão suportados do mesmo modo pelos sócios.

10.º

Em todo o omisso, regularão as disposições da lei de 11 de Abril de 1901 e mais legislação aplicável.

Aveiro, 1 de Novembro de 1943.

O ajudante da Secretaria Notarial
Raúl Ferreira de Andrade

«O Democrata»

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano) .	30$00
Semestre . .	15$00
Colónias (Ano) .	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso .	$60

ANÚNCIOS

Mais duma publicação, contrato especial.

NECROLOGIA

Em Lisboa onde se encontrava com a esposa de visita a uma filha, sucumbiu repentinamente, no último sábado, o engenheiro-agrónomo sr. Augusto Ruela, director da Estação Agrária do Pôrto e delegado do Govêrno junto da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes.

O extinto, muito conhecido nesta cidade, residia actualmente na Senhora da Hora, próximo do Pôrto, onde se realizou, segunda-feira, o funeral com extraordinária concorrência.

Casado com a sr.ª D. Maria Olga Machado Teixeira, deixou cinco filhos e era irmão do sr. dr. Alberto Ruela, contador na comarca de Alcobaça.

Aos doridos, as nossas condolências.

Correspondências

Aradas, 4

Acaba de ser instalada num edifício dêste lugar, que reune melhores condições do que aquele aonde esteve até aqui, a Casa do Povo da freguesia, que por isso tomou a iniciativa de criar uma biblioteca para instrução dos trabalhadores rurais, seus associados.

Achamos bem. Porque depois de assistência a prestar aos sócios efectivos dêsse organismo, a bôa leitura é, igualmente, necessária por constituir o pão do espírito. Oxalá a Direcção, ao apelar para o oferecimento dos livros necessários para o fim em vista, obtenha os melhores resultados como apoio às suas intenções.

P.

Esgueira, 4

O dia 2 de Novembro é sempre de recolhimento, de invocação, de saúdade. Os entes queridos que deixaram de pertencer a êste mundo para ir habitar outras regiões desconhecidas, tiveram, por isso, a sua consagração, que consistiu na romagem dos vivos a êsse recinto sagrado que Alguem cognominou de *Jardim da Morte*.

Durante a visita aos que dormem o sono eterno, as campas foram cobertas de flores e verteram-se muitas lágrimas, sinal de que os mortos não esquecem, a pesar-de afastados do nosso convívio.

—Têm-se acentuado as melhoras do nosso conterrâneo Emilio Rodrigues da Paula, que, como dissemos, foi operado no Hospital da Universidade de Coimbra.

Folgamos.

—Encontra-se de cama, com a saúde um pouco abalada, a mãe do nosso amigo Américo Ramalho.

Desejamos a suas melhoras.

—Os nossos lavradores andam deveras apreensivos, devido a uma epidemia que tem atacado os cevados e que já tem causado algumas mortes.

Para maior ajuda...

C.

Dar sangue não faz mal, faz bem